



SAUL

O PRIMEIRO REI DE ISRAEL

Introdução

A instituição da monarquia em Israel marcou uma virada decisiva na história do povo de Deus. Até então, o Senhor reinava diretamente por meio dos juízes e profetas, mas o desejo de “ter um rei como as outras nações” (cf. 1Sm 8,5) levou à escolha de Saul. Seu reinado inaugurou uma nova etapa, cheia de promessas e de tensões entre a vontade divina e as ambições humanas. A figura de Saul, ao mesmo tempo grandiosa e trágica, revela os riscos do poder quando não se enraíza na obediência a Deus. Seu percurso prepara o caminho para a realeza davídica e para a compreensão cristã do verdadeiro Rei segundo o coração do Pai.

1. Recordando: o pedido de instituir a monarquia

Os capítulos 8-12 do Primeiro Livro de Samuel apresentam, de modo conciso e vigoroso, o encerramento da era dos juízes e a transição para o regime monárquico em Israel. Esse passo histórico, que hoje pode parecer natural, não o foi para o profeta Samuel. Ele próprio tentou perpetuar em seus filhos a função de juiz, mas viu frustrada essa intenção: seus filhos se desviaram do caminho justo, repetindo o drama que outrora ele mesmo anunciara ao sacerdote Eli, quando teve de proclamar que o Senhor destruiria sua casa por causa dos

pecados de seus filhos (cf. 1Sm 3,11-14). Agora, o mesmo destino recai sobre sua própria descendência (cf. 1Sm 8,3).

Foi então que os anciãos de Israel se aproximaram de Samuel e lhe apresentaram um pedido decisivo: “Constitui-nos um rei, para que nos governe” (cf. 1Sm 8,5). Surgia, assim, o desejo do povo de ser “como as outras nações”. A motivação imediata era o medo das ameaças constantes dos filisteus e amonitas, que exigiam uma liderança central capaz de unificar a defesa do território. Mas por trás desse pedido escondia-se também uma tentação mais profunda: substituir a confiança no governo de Deus pela segurança oferecida pelo poder humano.

⇒ “As duas tradições que permanecem no texto atual (a pró-monárquica e a antimonárquica) já nos sugerem uma primeira realidade: o povo não *clama* a Yahweh, como havia feito em sua situação de opressão no Egito. O povo *reclama* ao mediador entre eles e Yahweh (Samuel) um rei do qual esperam três missões: a) que faça de Israel uma nação como as outras; b) que os governe e julgue; e c) que seja líder militar nas batalhas. Talvez seja útil lembrar que os anciãos de Israel não tinham muitos modelos políticos em quem se inspirar, já que os povos vizinhos eram todos governados por reis que, apesar da imagem que podemos ter na atualidade, não passavam de chefes de tribos.” (cf. Blanco, “Saul”, pág. 156).

2. Quem era Saul?

Saul pertencia à tribo de Benjamim (cf. 1Sm 9,1-2). Era descrito como um homem de estatura imponente e aparência nobre (cf. 1Sm 10,23), vindo de uma família de prestígio e posses. Reunia as qualidades que, aos olhos humanos, o tornavam um candidato ideal à realeza: coragem militar, boa origem, carisma pessoal e ligação com uma tribo pequena, porém significativa dentro da estrutura de Israel. Residindo em Gibeá, no território de Benjamim, Saul ali estabeleceu sua sede de governo (cf. 1Sm 11,4; 15,34).

No entanto, como primeira experiência de monarquia em Israel, seu reinado revelou-se uma tentativa falha. Saul exerceu mais o papel de um chefe guerreiro do que de um soberano estável; foi um líder de exércitos improvisados que reunia o povo diante das ameaças estrangeiras. Obteve vitórias contra os amonitas, os amalecitas e os filisteus, mas jamais chegou a estruturar uma administração sólida ou uma organização de governo. Faltava-lhe uma visão de

estadista. Por isso, o país não chegou a ter uma capital definida, nem instituições que sustentassem a unidade nacional.

O maior erro de Saul foi não compreender o verdadeiro significado da realeza segundo o plano de Deus. A monarquia não fora instituída para substituir o senhorio divino, mas para ser instrumento de Sua ação no meio do povo. Deus continuaria sendo o único Rei; o homem, seu representante, deveria governar com obediência e humildade. Saul, porém, deixou-se dominar pela arrogância e cedeu à tentação do poder absoluto (cf. 1Sm 13,1-15).

Num episódio marcante, ofereceu ele mesmo o sacrifício antes da batalha, usurpando a função sacerdotal que cabia exclusivamente a Samuel (cf. 1Sm 13,9-10). Mais tarde, desobedeceu novamente às ordens do Senhor ao poupar os despojos de guerra e praticar ritos de modo diverso do prescrito (cf. 1Sm 15). Essas atitudes revelam um coração que já não escutava a voz de Deus, mas agia movido pela própria vontade e encontrava uma desculpa para cada pecado de desobediência à vontade de Deus.

⇒ “*Refugiar-se nas desculpas. Este é o maior vício que aflige a humanidade, a saber, que depois de ter pecado, ela se refugia em mil desculpas em vez de se prostrar com a confissão do seu arrependimento. Essa transgressão deve ser considerada um dos maiores pecados, porque realmente tem sua origem no que parece atrasar mais a penitência do pecador, como se diz no primeiro Livro dos Reis [Samuel]: “a rebeldia equivale a um pecado de magia e a obstinação, à idolatria’ [cf. 1Sm 15,23]”*: Cassiodoro, Comentário aos Salmos, 140,4.

Como consequência, o profeta Samuel anuncia-lhe o juízo divino: “Porque rejeitaste a palavra do Senhor, Ele te rejeitou como rei” (cf. 1Sm 15,26). A partir daí, Deus escolhe Davi, um jovem pastor de Belém (cf. 1Sm 16), para sucedê-lo e instaurar uma nova forma de liderança em Israel.

3. Entre a fidelidade e a vaidade

O declínio de Saul é narrado com traços profundamente humanos. Em meio à sua queda, destaca-se o contraste entre ele e Davi. Saul vê crescer ao seu redor a fama de Davi, que se torna amigo leal de seu filho Jônatas e um guerreiro admirado pelo povo (cf. 1Sm 18,7ss). A inveja, porém, toma conta de Saul, e o que poderia ter sido uma relação de cooperação transforma-se em perseguição. Davi, forçado a fugir, reúne ao seu redor homens pobres e descontentes, vivendo entre montes e cavernas. Nesse exílio, ele conhece de perto o

sofrimento do povo simples e desenvolve a sensibilidade que mais tarde o tornará o “rei segundo o coração de Deus” (cf. 1Sm 13,14).

A história de Saul é a do homem que, tendo sido chamado e ungido, perdeu-se ao não reconhecer os limites do próprio poder. É o drama do líder que substitui a escuta da Palavra pela autoconfiança, a obediência pela vaidade, e a presença de Deus pelo culto de si mesmo. Sua figura encarna a tensão entre o carisma inicial e a institucionalização do poder: enquanto no início age movido pelo Espírito do Senhor, no fim torna-se refém de suas inseguranças e ciúmes.

Saul foi escolhido pelo Senhor, mas depois descuidou dessa graça e não foi perseverante. Isso não é novidade, como ensinam os Padres da Igreja, nos alertando:

⇒ “*Mas é surpreendente – penso eu – que alguém aprovado no passado sucumba depois? Saul, homem grandioso, foi arruinado pela inveja. Davi, homem bom segundo o coração de Deus, tornou-se posteriormente culpado de homicídio e estupro. Salomão, agraciado pelo Senhor com toda a graça e sabedoria, foi induzido pelas mulheres à idolatria. Pois somente ao Filho de Deus estava reservado permanecer sem crime. Portanto, o que acontece se um bispo, um diácono, uma viúva, uma virgem, um doutor, ou mesmo um mártir se desvia da regra? Parecerá, por isso, que as heresias ganham verdade? Ninguém é sábio se não for temente a Deus, ninguém é grande se não for cristão, mas ninguém é cristão a não ser aquele que persevera até o fim.*”: Tertuliano, *Prescrição contra os hereges*, 3,3-6.

4. O fim e a lição espiritual

O desfecho do reinado de Saul é trágico. Ao ser rejeitado por Deus, ele experimenta o vazio interior e a solidão espiritual. A Bíblia relata que “o espírito do Senhor se retirou dele, e um espírito mau o atormentava” (cf. 1Sm 16,14). Perdido e sem direção, Saul busca respostas até mesmo entre os mortos, recorrendo à necromante de Endor (cf. 1Sm 28), um gesto que simboliza o completo afastamento da fé. Derrotado pelos filisteus no monte Gelboé, vê seus filhos morrerem e, desesperado, lança-se sobre a própria espada (cf. 1Sm 31,4). Sua morte marca o fim de uma era: a monarquia fundada sobre a força humana cede lugar à realeza fundada sobre a fidelidade a Deus.

Apesar do fracasso, o reinado de Saul teve valor pedagógico para a história da salvação. Por meio dele, Israel aprendeu que a autoridade humana deve sempre permanecer subordinada à autoridade divina. Saul é, ao mesmo tempo, exemplo e advertência: mostra que os dons de Deus podem ser perdidos quando se substitui a obediência pela vaidade.

Seu nome permanece na memória bíblica não apenas como o primeiro rei, mas como o símbolo daquilo que o homem pode se tornar quando se afasta da vontade do Senhor. E assim, sobre as ruínas de seu trono, Deus prepara o caminho para Davi, o pastor que governará não com espada, mas com coração fiel.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi

BIBLIOGRAFIA:

Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada. Tradução oficial da CNBB, 6^a ed. (2024), Brasília, CNBB, 2025.

Bíblia Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos, 3^a ed., São Paulo, Ave Maria, 2012.

Bíblia. Palavra viva, São Paulo, Paulus, 2022.

A Bíblia, São Paulo, Paulinas, 2023.

Bíblia do Peregrino, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia. Tradução ecumênica, São Paulo, Loyola, 1994.

Nova Vulgata. Bibliorum sacrorum editio, Editio typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1998.

AAVV, *Dicionário encyclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 2013.

AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 4: *Josué – Jueces – Rut – 1-2 Samuel*. Madrid, Ciudad Nueva, 2005.

BLANCO, J.I., “Saul: El aprendizaje de um político”, in AAVV, *Personajes del Antiguo Testamento*. v.1, Estella, Verbo Divino, 1997, 155-164.

DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.1: Dos primórdios até a formação do Estado. São Leopoldo, Sinodal, 1997.

GIL, J. – DOMÍNGUEZ, J., *Pórtico da Bíblia. Recursos didáticos para compreender a Bíblia: cronologias, mapas e gráficos de cada livro*, Jerusalém, Saxum, 2024.

HARRINGTON, W., *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, 7^a ed., São Paulo, Paulus, 2004.

- KONINGS, J., *A Bíblia, sua origem e sua leitura. Introdução ao estudo da Bíblia*, 8^a reimp., Petrópolis, Vozes, 2024.
- LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, São Paulo, Paulus - Loyola, 2008.
- MEDEIROS, J.M., *Panorama da História da Bíblia*, 8^a ed., São Paulo, Paulus, 2003.
- REINKE, A.D., *Aqueles da Bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2021.
- VAUX, R., *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo, Teológica, 2003.
- VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento. Vol.1*, 2^a ed., Trad. Francisco Catão, São Paulo, Aste-Targumin, 2006.